

R

emanuel

2

A

dimas

0

W

de

W

melo

0

A

pimenta

5

R

também conferência em
Festival Música Nova
Misomusic
Lisboa, Portugal, 2005
RAWWAR
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: RAWWAR
autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
ano: 2005

editor: ASA Art and Technology UK Limited
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta
© ASA Art and Technology

www.asa-art.com
www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

**Tudo voltado para o passado.
Quando pouco antes,
tudo se orientava pelo futuro.
O futuro do futuro se tornou,
definitivamente,
presente.**

**Como alguma música.
Sem princípio, meio ou fim.
Como o zapping.**

**Quando éramos mais novos,
o mundo era mais novo do que nós.**

**Nessa nova reversão sensorial,
perdendo definitivamente o ponto de fuga,
as pessoas se agarram ao que já
conhecem.**

**Esquecendo-se de que tudo o que
conhecemos não nos pertence.**

**Quando há perda de identidade,
aquilo que antecipa a violência é a
nostalgia.**

**No agarrar o passado, gera-se o anti futuro,
muitas vezes ingenuamente classificado
como tecnologia.
De qualquer tipo.
Como se tecnologia
fosse algo mais
que simplesmente
ação.**

Anti futuro e anti presente.

**A televisão,
o rádio
e o telefone
são a pessoa sem corpo.
Indivíduo sem forma.
Identidade que se traduz no passado,
tomado enquanto conteúdo
do presente.**

**Todo o futuro está aqui e agora.
Reversões sobre reversões.
Subversões.**

**Para o antigo mundo mecânico,
Resgatando
o conteúdo
do universo agrário,
emergiram as salas de aula.
O campo fechado numa sala.
Na mutação eletrônica
as salas de aula
perderam as paredes
na busca do infinito prometido
pela perspectiva plana,
tomando-a como conteúdo.
Tudo se tornou aprendizado,
expandindo-se para todos os lugares.**

**Mas o mundo eletrônico
nos mergulhou numa nova revolução.**

**Gerando a revolução da revolução.
Um ciclo sem princípio, meio ou fim.**

**Nasce o digital,
a nanotecnologia
e os sistemas bioquímicos
enquanto inteligência e comunicação.**

**Então,
no olho do ciclone virtual,
da sala de aula restaram paredes,
espalhadas um pouco por todo o lugar,
mas sem o infinito que implica
a existência do indivíduo.**

Mutação lógica.

**Enquanto que o mundo oral
é centrífugo,
com a atenção espalhada
por todos os lados,
como quem olha ao redor;
e o mundo da escrita é centrípeto,
tudo girando em torno de algo,
de um ponto de fuga,
em torno de uma especialização,
de uma promessa do infinito
nas suas relações uniformes,
o novo universo é
simplesmente
um vôo,
numa outra dimensão.**

**Tal como acontecia em Osiris,
no antigo Egito,
o aprendizado passou a ser
voar na informação.
Uma nova paideia,
criando circuitos e trajetórias
na informação.**

**O que antes era possível dizer
com o uso da literatura,
agora se torna poesia.
Seja ciência ou política.
Porque o texto poético
é uma espécie de superfície
de informação,
sobre a qual
podemos simplesmente
voar.**

**Ainda assim,
agarrados ao que já conhecem,
muitas pessoas
continuam**

**voltadas para o passado.
Como se tudo,
mesmo o passado,
não fosse presente.**

**Gradualmente,
todas as pessoas do planeta
passaram a ser,
de uma ou de outra forma,
e em diferentes graus
dependendo da região,
escritores, editores, fotógrafos,
cineastas, artistas gráficos
e assim por diante.
As pequenas câmaras fotográficas
digitais,
as vídeo filmadoras
em alta resolução,
os micro computadores,
tudo portátil,
transportável com o corpo,
e as fotocópias,
os processadores de texto,**

**os sistemas digitais
para som
e música,
o zapping,
os recursos de elaboração
de sites na Internet
e muitos outros artefatos
fazem com que
praticamente
todas as pessoas tornem-se
criadores.
Todos se transformam,
num certo sentido,
em estetas,
numa cultura
portátil.
Uma nova educação
visual.**

**Uma educação
sem mestres,
feita pelo uso contínuo
dos sentidos,
sem objetivo específico,
puro diletantismo,
puro prazer.**

**Desta vez,
sem Leonardo,
Michelangelo,
Caravaggio
ou Mondrian.
Uma nova educação musical,
livres de Bach,
Beethoven, Liszt,
Debussy ou Anton Webern.**

**Uma nova estética,
vernacular,
constituindo a grande média
do chamado senso comum.**

**Então,
a arte não mais estará,
em termos definitivos,
na habilidade,
mas sim na crítica da cultura,
tomando,
para muito além da superfície,
o processo.**

**Isto é,
tomando alguma face da cultura
enquanto processo,
em toda a sua complexidade.**

**De facto, o meio é a mensagem
e caberá ao artista
operar os meios
com uma nova sensibilidade estética,
que se diferencia
da sensibilidade estética média,
geral.**

**Porque para o mundo
do conhecimento
média significa
simplesmente
mediocridade.**

**Um processo que ilumina
o percurso do Ocidente
desde a antiga Grécia,
onde arte era technoi,
habilidade.**

**Um percurso de crescente
abstração,
que esclarece o trabalho
de personagens
como Mallarmé, Poe, Joyce,
Merce Cunningham,
Anastasi, Bradshaw,
Beuys ou John Cage
entre outros.**

**Abstração enquanto
extrair algo.**

**Aqueles artistas
que estão reduzidos à superfície,
ao tratamento da tecnologia
na busca de efeitos estéticos
que ela pode produzir,
nada mais são que emergências
da grande massa
dessa nova estética popular.
Pertencem,
imediatamente,
ao passado.
Nada mais são
que projeções
de um entretenimento mais apurado,
somente especialistas
em reconhecimento de padrões.**

**Tudo acontece
quando
um planeta superpopuloso
em híper comunicação interativa
em tempo real
transforma o jogo.
Tudo passando a aspirar
a uma floresta
ou ao fundo dos oceanos
onde
a lógica essencial
é o jogo de soma zero.
Perdedores e ganhadores.
Competição
no seu sentido vulgar.
Um devorando
o outro.
Um submetendo o outro.**

A derrota e a vitória.

**Com a emergência
do que chamamos
vulgarmente de
Civilização,
há milhares de anos,
surgiu uma surpreendente
metamorfose
da Natureza,
gerando de forma intensa
o jogo de soma não zero,
nem ganhadores,
nem perdedores.
Colaboração.
Poesia.
Base fundamental
da simbiose**

**em plena sublimação.
Agora, com o nosso
admirável mundo novo,
tudo tende
novamente
ao jogo de soma zero,
em todos os lugares.
Floresta.
Ganhos
e perdas.
Esse é
o mundo dos espertos,
da anti arte
e da grande média.
Tudo se torna cultura,
em todo o lugar,
do desenho dos objetos,
imagens,
sons,**

**publicidade
aos filmes de cinema,
à televisão.**

**Muitos
dos maiores desastres
da Terra
foram feitos
em nome de grandes maiorias.
Mesmo se há protesto,
geralmente
ele existe
apenas como reforço
de tudo o que já existe,
enquanto estrutura.
Quase nada
é crítica da cultura,
não pelo conteúdo,
mas pela estratégia.**

Cultura asfixiante.

**Mas,
cada um de nós
pode escapar,
em maior
ou menor grau,
neste
ou naquele momento,
à estética
da grande média,
à sua órbita.**

**Assim,
mesmo que
por alguns breves momentos,
todos podemos
ser artistas.**

**Todos podemos
desconstruir
a cultura,
ao menos
em algum momento das nossas vidas.
Até mesmo aqueles
que pertencem ao domínio
do reconhecimento de padrões.**

**Ainda assim,
nesse domínio,
dos eternos conflitos
de reconhecimento de padrões,
pelas vias do tudo nada
não há diferença possível.
Tudo é tudo e nada.
Ser e não ser.
Cada um sendo tudo
e,
simultaneamente,
nada.**

**Em aparente contradição,
a súbita mudança
do jogo de soma não zero,
para o de soma zero
como desígnio universal
é uma estratégia da Natureza
para reequilibrar
um planeta
cheio de pessoas
sem silêncio.**

**Repare em volta.
Quando estamos em silêncio com
alguém?**

**Nunca tratando
do que é certo
ou do que é errado.
Nem certo,
nem errado.
Nem bom,
nem mal.
Sem julgamentos de valor.**

**O nascimento do jazz
e do rock
suportou-se numa tradição oral
através de uma cultura
mais vivamente literária.
Quando o mundo ultrapassa
definitivamente
a literatura,
tomando-a como seu conteúdo,
o jazz e o rock
no seu espírito
de mudança e revolução
quase desaparecem,
tornando-se
ou vulgar entretenimento
ou música de elites,
fora do mercado.**

**Assim,
aparecem dois tipos
básicos
de jazz e rock
e a música contemporânea,
antes chamada de clássica,
transforma-se
num preciosismo quase exótico
aos olhos da grande média.
O mesmo fenômeno
acontece com a música popular.
Nascida com as grandes cidades,
transforma-se em folclore
para o habitante
do mundo pós urbano.**

**Em tudo o que percebemos
e compreendemos
há uma trama,
envolvendo todos os sentidos,
todas as linguagens,
ilusões,
cognição,
em profunda
e contínua
metamorfose.**

**Pois perceber,
tal como acontece com a memória,
nada mais é
que contínua construção.
Lógica.**

**Malraux defendia
que o século XXI seria
essencialmente
religioso,
ou não seria.**

**Ele tratava de valores
enquanto conteúdos literários
de uma determinada cultura
o mesmo que fazem,
em aparente paradoxo,
os grupos terroristas
do início do terceiro milênio,
defendendo uma cultura
homogênea
super opressiva.**

Podres poderes.

**Mas,
no underground,
e como se fosse
paradoxo,
o que passa a acontecer
é a redescoberta
do tempo livre.
Livre de estereótipos.**

**Pois o articulador
dessa nova estética da média,
pela superfície,
está livre do mundo de estereótipos
criado pela literatura.
Não há limites para fotografias,
textos,
sons,
imagens.**

**Fotografa-se tudo
mas o tudo não é qualquer coisa
em especial.
E o mesmo
Acontece
com o ouvido.
Ouvimos
de tudo,
a todo o momento,
nas ruas,
restaurantes,
automóveis,
elevadores,
cinemas,
televisão.
E acontece também
com as estações climáticas
e com os alimentos.**

**Há de quase tudo,
tanto no supermercado
como na super livraria,
em qualquer momento.
Transbordamos
a ordem natural do mundo.**

**A Internet revela-se
como um imenso arquivo
de quase tudo.
Desta vez,
não mais
de caráter
enciclopédico,
porque não orienta-se
a sua ordem é a da desordem,
enquanto desdiferenciação.
Tudo possuindo valores iguais.**

**Basta caçar e recolher.
Toda a caça implica
criatividade.
A caça aliada ao mundo
da escrita
é muito mais
eficiente
e rápido
e dinâmico.**

**Aqui
a lógica do consumo
é superada pela do uso
enquanto atitude estética.
A agricultura
presente nas páginas dos livros
enquanto cultivo
de letras e sons
dá lugar à caça
de tudo.**

Mas!
Apenas a diferença
produz consciência.

**No caos do uso,
sem princípio,
meio ou fim,
tudo tende à entropia.
E na entropia
não há liberdade.**

**Mergulhamos
no inconsciente.
E, por essa via,
tudo se torna,
automaticamente,
controle.
Que,
nostalgicamente
atribuímos como culpa
deste ou daquele governo,
deste ou daquele
poder.**

**O mesmo acontece
com ganhar dinheiro
antes, ponto focal
de boa parte
da sociedade Ocidental,
muda-se
em metamorfose
indiferenciável aceleração,
flutuante e instável massa
de acontecimentos
numa cultura
de nano decisões.**

**Tudo isso
porque se trata da estratégia geral
do Sistema,
sem
intenções
e não de algo destacável,
departamentalizado
pura volição
como nos fazia crer
o mundo
da literatura.**

**Os especialistas
em reconhecimento de padrões
fazem parte desse novo mundo,
onde não mais há liberdade
O mundo da grande média.**

**Pois liberdade,
como aprendemos
dos antigos Gregos,
implica o indivíduo,
a diferença,
o livre arbítrio,
e nada mais é
que desenho
dos limites traçados
pela própria pessoa,
pelo personagem.**

**A estética do tudo,
a grande média,
é,
na realidade,
o verdadeiro
olhar do Grande Irmão
imaterial
não enquanto metáfora,
mas processo.**

**Olhar
que somos todos nós,
na condição
de flanneurs
ou de badauds.**

**Olhar que nasce junto
com dois fenômenos inéditos
na história da Humanidade:
o tempo real
e a gravação audio visual.
Ambos
mudam a qualidade do mundo,
através da quantidade de tempo
ou de não tempo
não silêncio
do que percebemos,
do que compreendemos.**

**A rádio
Inaugurou
o tempo real
para o mundo tribal
em super amplificação
uma única pessoa
passou a falar,
diretamente,
a milhões de outras,
produzindo
o nacionalismo
em grande escala.
Como um shaman,
desmaterializado.**

**Mas,
tanto a rádio
como a televisão,
descorporificam
a pessoa.
É voz e imagem
sem corpo.
Shaman sem mágica.**

**Mudam-se as leis
da Natureza.
e passamos a assumir
o modelo
das Super Cordas,
e o Big Bang
que tomou o ponto de fuga
como seu conteúdo,
gradualmente redefinindo
o Universo
enquanto estado
de espaço tempo,
de uma outra natureza
plasma.**

**Aponta-se,
não raramente,
o surgimento da bicicleta
como um dos fenômenos
responsáveis
pela invenção do automóvel.
Pois a bicicleta
exigiu uma pavimentação mais
homogênea
dos caminhos,
tornando possível
a invenção dos pneus.
Assim
terá sido a televisão,
o telefone
e o início da Internet
a gerar o modelo
das Super Cordas.**

**A Internet muda mais
do que cresce.
Mais que isso,
trata-se de um meio
onde todos os meios
podem integrar e mudar,
continuamente.
Em alta velocidade.
Aceleração.**

**Tratamos dessas estruturas
que modelam o pensamento.**

**Mais que isso,
são elas
o próprio pensamento.**

**Para o mundo oral
o que conhecemos
é o centro
de tudo,
porque é assim
que a audição funciona.
Quem ouve,
está no centro
do seu próprio universo
acústico.
No centro
da sua própria
cabeça.**

**Para a literatura,
algo externo
como o personagem
é o ponto de fuga ideal.
Para quem vê,
a coisa parece estar
do lado de fora.
Nascimento do príncipe.
Para o virtus
potencialidade total
da nova economia
planetária,
mundial,
aspirando
à impossível
ética universal
eliminando todos os ethos
simplesmente não há mais centro.**

**E tudo
se torna economia
não como redução de meios,
mas enquanto implicidade,
dinâmica relação entre termos.**

**A história da família
é um bom exemplo
de como tudo isso acontece.
Mundos diferentes
num mesmo espaço.
Lógica.
Aquilo que conhecemos
é a nossa maneira de abordar as coisas,
a nossa forma de perceber.**

Mundo e revolução.